

*Discurso na solenidade do 29º aniversário  
da Embrapa – abertura da  
exposição “ciência para a vida”*

AUDITÓRIO DA EMBRAPA, BRASÍLIA, DF, 24 DE ABRIL DE 2002

*Meu caro Vice-Presidente e amigo Marco Maciel; Ministros de Estado e Ministra de Estado aqui presentes; nosso querido Governador do Estado de Tocantins; Parlamentares, aqui, tão numerosos; nosso Alberto Portugal, Presidente da Embrapa; Embaixadores; Senhoras e Senhores,*

O Ministro Pratini disse que ele é recém-incorporado ao meu Governo. Não é bem assim. Já vem de algum tempo, e – isso, sim – me empenhei para que ele continuasse até o fim. E as razões são óbvias. Basta ouvi-lo, basta ver o entusiasmo contagiante do Ministro Pratini para se reconhecer que o prêmio aqui outorgado a ele é mais do que merecido.

Mas, aqui, só tenho que agradecer, mesmo; não cabe sequer fazer o discurso que tenho aqui, por escrito. E cabe agradecer por muitas razões. Primeiro, pessoalmente. Receber uma homenagem desta instituição é sempre alguma coisa que comove, até porque, por mais que possa ter feito, fiz muito pouco, especificamente, para esta instituição.

Sei que há muita generosidade nas palavras que foram ditas. Mas, de qualquer maneira, fica-se sempre satisfeito em ouvir a generosidade

alheia. Apenas você precisa tomar um pouquinho de cuidado para não acreditar demais no que foi dito.

De qualquer forma, sinto-me muito contente de ter estado aqui, tendo passado pela Exposição de Ciência para a Vida, que me pareceu muito significativa, porque resume do que realmente tem sido feito pela Embrapa e pela agricultura brasileira.

Mas eu tinha que agradecer principalmente à Embrapa, mesmo, porque, na verdade, o que disseram o Ministro Pratini e o Doutor Portugal foi uma coisa muito importante. A Embrapa significa, realmente, um marco na ciência e na produção brasileira.

O Doutor Alberto Portugal, que já há tanto tempo vem prestando a sua colaboração à frente desta instituição, foi um dos que primeiro chamaram a minha atenção, quando eu ainda era Ministro da Fazenda, para a importância de um apoio a esta organização. E ele tem se esmerado na condução dos trabalhos desta instituição.

Sabemos que talvez não haja nenhum outro lugar do mundo que reúna tantas pessoas qualificadas, com mestrado, com doutoramento, com estudos no exterior, dedicados à agricultura, como a Embrapa. Não sei exatamente quantos, mas se contam por centenas de pessoas, senão por milhares.

É, realmente, uma instituição única, única não só no hemisfério Sul, mas, mesmo em termos internacionais, não haverá muitas instituições, se é que há alguma assim, com tanta capacidade científica instalada como tem a Embrapa. E uma capacidade que dá resultados.

Nós, que andamos pelo Brasil, vemos o que está acontecendo neste país e o Ministro Pratini, com o entusiasmo dele, acabou de descrever. Não teria havido essa transformação na agricultura brasileira se não fosse a Embrapa. Essa produtividade, um aumento de 70% em 10 anos, é alguma coisa extremamente significativa. É, realmente, algo marcante. E o fato de que podemos passar de 50 e poucos milhões de toneladas de grãos para 100 milhões de toneladas de grãos é o resultado disso aí.

Eu me recordo de que, há alguns anos, não se imaginaria que o Brasil chegaria a produzir 100 milhões de toneladas de grãos. Hoje, naturalmente, já queremos mais. E, se chover, se vocês continuarem a traba-

lhar, teremos mais no futuro. Mas é, realmente, um feito muito marcante. E não é só isso. Não é só a produtividade, o aumento da quantidade e a qualidade, mas é também a capacidade que teve a Embrapa de agregar solo ao Brasil.

Eu me recordo muito de que, quando estava estudando, ainda, na Universidade, havia um professor chamado Aroldo de Azevedo e um outro chamado Ferri. Ferri era professor de Botânica e o Aroldo era professor de Geografia na USP.

Aquela altura – final dos anos 40, começo dos 50 – se dizia que o Brasil tinha uma enorme área, mas boa parte dela era inútil para a agricultura, porque era cerrado. E havia uma preocupação. Um outro professor, chamado Aziz Ab’Saber – ainda continua ativo aí –, fazia estudos, também, de Geografia, de Geologia. E se buscava uma forma para ver se era possível utilizar o cerrado.

Bem, hoje, a nossa agricultura está no cerrado. Há um deslocamento maciço de agricultura das regiões do Sul para as regiões do Centro-Oeste. E isso foi feito porque a Embrapa existiu, senão não haveria a incorporação do cerrado. Foi preciso desenvolver técnicas novas de plantio.

Agora, o plantio direto: foi preciso desenvolver sementes específicas, cultivares, enfim, todo um trabalho extremamente sofisticado, para que, hoje, possamos dizer, com certa tranquilidade e muito orgulho, que esta região vai ser o celeiro do mundo.

Dizem que os brasileiros são exagerados. Somos. É verdade. Temos condições de terra, de clima e de capacidade científica para sermos, realmente, um grande celeiro para produção de grãos e para a produção agropecuária. E isso se deve a esse trabalho.

Como agora eu vejo o Ministro falando em rastreamento bovino, já se vê o que está acontecendo no Brasil. É uma outra revolução. Há 20 anos se comprava boi de avião, lá no Pantanal, e mesmo em São Paulo. O que estivesse por ali. Não havia controle de nada. Para não falar aqui, perto de Tocantins, de Goiás. Onde havia isso tudo era um imenso pasto selvagem. Hoje, não. Hoje, temos uma preocupação com a carne, com a padronização, com o cruzamento das raças, com o controle

da qualidade. De modo que essa transformação tem a ver com a mudança de cultura. E essa mudança se deve, em larga medida, ao que aconteceu aqui na Embrapa – para não falar na produção de soja, no desenvolvimento específico que permitiu a produção da soja com a produtividade que tem hoje. E no algodão. É só ir a Mato Grosso. É um “susto” o que está acontecendo na produção de algodão no Mato Grosso. Para não se falar do arroz de Tocantins ou da soja, em toda parte. Isso fundamentalmente significou uma base técnico-científica que permitiu esse grande avanço. Sem isso, não teríamos tido essa capacidade produtiva.

É claro que isso implica também empresários, fazendeiros competentes, empresas modernas e, também, a atenção, que hoje é crescente, à unidade familiar de produção. Disso também eu me orgulho, porque fizemos, nesses anos de governo, uma mudança nessa matéria. Não apenas, como disse o Ministro, na questão relativa ao financiamento: recordo-me de que, desde que fui Ministro da Fazenda, era uma dor de cabeça permanente a dívida agrária. Ainda é. Ainda há probleminhas no Congresso de vez em quando, mas hoje é de outra natureza, porque pouco a pouco essa dívida foi sendo diluída e há condições de financiamento de outra natureza, com juros fixos e que, para os setores de economia familiar, são bastante razoáveis: 4,75% ao ano. Isso era alguma coisa impensável há dez anos, até mesmo há cinco anos. Hoje, já está havendo um avanço grande nessa matéria do financiamento, que permitiu o florescimento da nossa agricultura e da agricultura familiar.

O acesso à terra, com a reforma agrária que está sendo implementada, as questões relativas à utilização mais eficiente do equipamento agrícola, com o Moderfrota – que foi uma outra maneira de permitir que houvesse acesso, por parte dos nossos produtores, a um financiamento compatível com o pagamento de equipamentos mais sofisticados, como colheitadeiras e tratores –, hoje, quem entra por esses campos do Brasil verifica que isso está realmente acontecendo.

Há, portanto, um momento novo na nossa agricultura, na nossa pecuária. E esse momento é indissolúvel da ação da Embrapa – e da ação da Embrapa não apenas como uma organização do Ministério da

Agricultura, mas ligada também ao Ministério de Ciência e Tecnologia. E a preocupação crescente com apoio efetivo, e não só aqui, não só no Governo Federal, vê-se nos estados, nas fundações de apoio à ciência nos estados do Brasil. Em muitos estados brasileiros existe uma nova mentalidade, que está permitindo este renascimento da agricultura e da pecuária no Brasil.

Mais do que isso, conseguimos dissipar uma idéia equivocada de que a produção dita primária, ou seja, a produção que se dá sobre a terra diretamente, não agrega valor. Quem diria isso: produzir melão, hoje, é agregar valor. Produzir uva lá no São Francisco é agregar valor, é trabalho sofisticado. Ciência e tecnologia agregam valor. É uma produção que não mais independe do conhecimento. Ela toda está ligada ao conhecimento e é agregadora de valor.

Num país como o nosso, para que possamos – como precisamos – avançar mais em outros setores, se menosprezarmos a nossa base de produção agropecuária, estaremos desperdiçando a maior riqueza de que dispomos. O Ministro Pratini acabou de dizer: 19 bilhões de dólares são nosso saldo na importação e exportação no setor agropecuário.

Se não fosse isso, como financiar o resto? No passado, eu diria: como financiar o petróleo? Agora, por sorte, estamos nos aproximando da auto-suficiência em petróleo. Mas, ainda assim, precisamos de máquinas que não podemos produzir aqui; precisamos de insumos que não temos aqui. De onde vem isso? Como fazer, como acumular riqueza para permitir que, em um outro patamar, possamos avançar no setor industrial e no setor terciário, na questão dos computadores e em toda essa revolução da informática? A base continua sendo produzida por essa agricultura, que passa a ser novamente central em todos os aspectos do desenvolvimento econômico.

Houve uma época em que havia uma confusão, em que se pensava que desenvolver era criar indústria e deixar à margem o setor agropecuário. Hoje se sabe que não se desenvolve sem o setor agropecuário como parte essencial de produção de riquezas.

Essa mudança, essa visão nova é consequência, portanto, de todo esse trabalho desenvolvido pela Embrapa, pelos empresários, pelos tra-

balhadores e também – permito-me dizer-lhes – pelos políticos que compreenderam a questão.

Estava aqui conversando com o Vice-Presidente Marco Maciel e eu recordava a ele que o conheço não há tanto tempo... Quantos anos? Quarenta. Fomos colegas, juntos, no Senado, nos anos 80. E o Senador Marco Maciel estava atento às questões de ciência e tecnologia.

Citei o Marco, mas é para dar o exemplo de um parlamentar, porque muitos outros – e, aqui, há outros, presentes – têm essa mesma preocupação.

Ou seja, houve, realmente, um avanço no Brasil quanto à noção de que é preciso dar um apoio, um suporte científico e tecnológico à nossa produção, especialmente à produção agropecuária. Hoje, somos altamente competitivos. É difícil. Talvez, a nossa vizinha, a Argentina, possa ter uma competitividade semelhante em certos tipos de grãos, em soja, por exemplo. Em algodão não terá. Enfim, somos altamente competitivos em nível mundial.

Mas é claro que a competição não se dá apenas porque se aumenta a produtividade dentro da fazenda. É preciso ver o que acontece da porteira da fazenda para fora. Aí, tem o banco – tem-se que ser financiado de uma maneira que permita a competitividade – e tem a estrada, tem o meio de transporte. Aqui, também estamos fazendo uma revolução no Brasil.

Nesta tarde – o Ministro Pratini faltou ao encontro –, os representantes da Cargill foram lá falar comigo.

*Ministro Pratini de Moraes:* Achei que preferiria ir sozinho.

*Presidente:* Ele me deixou sozinho, atirado às “feras”, para explicar o que estava acontecendo nesse setor.

Pois bem, nesta tarde, recebi pessoas de um setor importante, da Cargill, que me foram anunciar que já estão fazendo um terminal graneleiro em Santarém. A estrada ainda não está pronta – a BR-163, que prometi tantas vezes – mas está quase; quer dizer, tem trechos que ainda não estão, trechos que estão. Espero que as obras de arte estejam pron-

tas. Para os que não sabem, é uma estrada que vai ligar Cuiabá a Santa-rém, lá no Pará. Pois bem, feito isso, a produção de soja dessa região ou do que seja vai poder escoar pelo rio Amazonas com mais facilidade e mais barato.

Por outro lado, quando a produção se dá no Mato Grosso, lá mais para oeste, na Serra dos Parecis ou por ali, no Chapadão dos Parecis, pode, hoje, sair por Porto Velho, pelo rio Madeira: sobe o rio Madeira e vai dar em Itacoatiara, lá no Amazonas. Itacoatiara já é um terminal que permite transportar para navios e sair pelo mar afora.

Por outro lado, revivemos as estradas de ferro – revivemos. Apesar de que se dizia que era impossível, a Rede Ferroviária Federal não só foi privatizada como foi valorizada. E, hoje, a Ferronorte já está chegando perto de Rondonópolis. Já dá para sair do porto de Santos e chegar até quase Rondonópolis. Um último trecho ainda falta para chegar a Rondonópolis, mas já passou por todo o Mato Grosso do Sul, já entrou em Alto Taquari, em Mato Grosso, está rumando para Rondonópolis, chegará a Cuiabá – e, quem sabe para onde mais irá?

A Ferrovia Norte-Sul já tem um pedaço. Já se pode transpor o rio Tocantins e, do Maranhão, chegar a Tocantins. E já estamos começando, aqui em Goiás, para entroncar, lá, com Tocantins.

Tudo isso é essencial. Por que é essencial? Porque a imensa produtividade a que já me referi aqui vai significar – e as terras que estão sendo incorporadas também – uma produção enorme. E já não dá mais para escoar pelo porto de Paranaguá, pelo porto de Santos e mesmo pelo porto de Sepetiba, que nós construímos recentemente. Não serão suficientes esses portos para um transporte mais eficaz e mais rápido da produção agrícola. Precisamos, portanto, buscar outros caminhos pelos nossos rios e pelas nossas estradas de ferro, para valorizar a nossa produção, para que ela possa ser mais competitiva.

Digo isso porque, na verdade, essas obras de infra-estrutura, ao contrário do que foram no passado, estão sendo induzidas pela produção agrícola. No passado, no Estado de São Paulo por exemplo, quando se fez a Noroeste, se abria a estrada, e a estrada então permitia a produção.

A Paulista também. Mas a Noroeste é mais significativamente uma estrada que abriu caminhos para a produção.

Agora, não. Agora é o fazendeiro ou o assentado na terra ou, às vezes, até o intruso que está abrindo uma produção que requer, depois, o transporte. Avançou a produção sobre o transporte. Claro que temos que equilibrar isso e que investir mais e mais e mais na infra-estrutura, para permitir que haja, realmente, um aproveitamento mais completo dessas imensas transformações que estão ocorrendo pelo Brasil afora.

De modo que eu queria apenas transmitir a vocês o meu entusiasmo e compartilhar o entusiasmo de todos aqui nessa matéria; dizer que, a despeito de todos os pessimismos malthusianos de que seria impossível alimentar o mundo, que a população ia crescer mais que o mundo, a ciência desmentiu isso, fazendo com que a produção pudesse aumentar mais depressa que a população.

E, se hoje alguém passa fome, não é por falta de alimento; é por falta de renda, ou por má distribuição de renda, e não pela falta de produto. Hoje temos, realmente, uma condição de produção excepcional. E queira Deus que possamos criar as condições socioeconômicas que permitam que, dada essa produção, não haja, também, a carência nutricional pela falta de renda. Mas é outro tipo de problema que está sendo posto ao nosso desafio, não são os problemas antigos.

Por todas essas razões, mormente hoje, que vejo que há, aqui, representantes de países irmãos, quero agradecer muito não só as homenagens aqui já prestadas, mas agradecer o trabalho de todos vocês.

Acredito mesmo que, crescentemente, esta região do Brasil, complementada sempre pelo Chile, porque o Embaixador está aqui, porque a premiada foi chilena e porque sou meio chileno, esta região da América do Sul está predisposta a ser uma grande produtora agropecuária. Com a ajuda chilena, vamos produzir até mesmo bons vinhos. Já estamos produzindo. Sem falar no champanhe, que também é bom, bastante bom.

Então, realmente, queria aproveitar a oportunidade de estarmos aqui plurinacionalmente para dizer que esse entusiasmo meu se estende à região. Não se trata apenas de um entusiasmo patriótico brasileiro:



trata-se da compreensão de que esta parte do mundo tem imensas qualidades naturais; de que, se tivermos a capacidade política, o empenho e o conhecimento científico e tecnológico, vamos permitir que as sociedades que vivem aqui, os povos que aqui vivem, possam viver cada vez melhor.

Agradeço a presença de todos. Felicito, mais uma vez não apenas os cientistas, mas também todos os que trabalham na Embrapa. São milhares de pessoas anônimas que trabalham na Embrapa. E citando, por fim, mais uma vez, o nome do Doutor Portugal, quero estender a todos os “embrapianos” os meus agradecimentos e as minhas felicitações.

Muito obrigado.